

Considerações Finais

Gostaria de finalizar essa tese lançando mão de um filme que funcionará como pretexto na articulação das noções que valorizei para sustentar meus argumentos. Devo dizer que o meu encontro com esse filme foi casual. Uma noite estava “zapeando” – como se costuma dizer –, na frente da televisão quando o título de um filme prestes a ser exibido pelo canal Telecine chamou a minha atenção: “Geração Prozac”. Fiquei instigada e resolvi assisti-lo. Trata-se de uma produção americana, baseada no livro de mesmo nome, escrito por Elizabeth Wurtzel - Lizzie -, personagem principal do filme. Como uma historiadora, ela oferece-nos, neste livro/filme, a versão que construiu de sua vida ao longo dos seus 19 anos. As protagonistas são as atrizes Jéssica Lange e Cristina Ricci, que interpretam, respectivamente, mãe e filha.

De acordo com o nome do filme, minha expectativa era assistir uma história absolutamente bem situada no contexto das discussões acerca do sujeito contemporâneo: uma adolescente – Lizzie -, filha de pais separados desde a sua infância que, ao ingressar na faculdade de jornalismo, inaugura um circuito regado a todo tipo de drogas e falta de limite. “Estamos em Harvard. Podemos fazer o que quisermos. Seremos aquelas belas apaixonadas por literatura. Brilhantes, obscuras e sexy”, diz Lizzie para Ruby, sua *roommate*.

Isso, de fato, ocorreu. Contudo, surpreendi-me ao assistir, paralelamente, à história de uma relação “**violenta**” entre mãe e filha. A primeira cena do filme mostra Lizzie sentada em frente a uma máquina de escrever, momentos antes de mudar-se para a Universidade Harvard: “Até onde se pode voltar?” Ela começa a narrar a sua história: seus pais divorciaram-se antes de ela completar dois anos e, desde então, o pai quase não participou de sua vida. Em compensação, “a minha mãe participou demais. Ela queria consertar todos os erros dela através de mim”. De acordo com o que Freud ensinou no artigo dedicado ao narcisismo (1914), os pais projetam sobre os filhos um vasto repertório de expectativas, as quais, eles não puderam realizar. No entanto, Lizzie parece falar de outra coisa. Uma primeira lembrança: o dia em que ficou menstruada. A mãe lhe disse: “Droga! Sua

menstruação! É onde começam todos os problemas”. A cena seguinte confirma a profecia materna: Lizzie corta a sua perna sentada no chão do vestiário escolar: “Agora meus pais realmente têm motivo para brigar: Eu”.

Como vimos, há situações em que a mãe não consegue aceitar que deixou de ser condição para a existência do filho. Aulagnier fala sobre um desejo da mãe que, quando emerge, é nefasto: o desejo de “que nada mude”. Estamos no terreno do que ela designou como violência secundária que pode conduzir, quando a criança não encontra uma resposta que a proteja, a uma mutilação da atividade de pensamento. Essas situações podem desembocar numa construção delirante do mundo, como última tentativa de resistir a esta mutilação. Ou, outra saída sugerida por Aulagnier, o estado de alienação - cuja meta é a exclusão de toda dúvida, de todo conflito -, inerente às relações passionais, que veremos Lizzie construir ao longo do filme/ de sua história.

Ainda antes de sair rumo à universidade, as lembranças da jovem jorram, mas o seu devaneio é interrompido com a entrada intempestiva da mãe em seu quarto avisando que está na hora da partida. Lizzie está nua, sentada em cima da cama, absorta em suas recordações, quando a mãe levanta as cortinas da janela e avisa que não podem se atrasar. A filha fica incomodada com essa invasão, e as duas travam um diálogo através do qual fica nítido que a ida de Lizzie para Harvard é um desejo da mãe e não dela. “Esse é o dia mais importante da sua vida”. Lizzie discorda: “Achei que fosse o casamento.” A mãe retruca: “Não querida. Este é o pior dia da sua vida.”

As duas estão no carro a caminho da universidade, quando a mãe diz: “Jovem! Eu era tão jovem! Tome cuidado. Quando eu penso, apenas um ano mais velha do que você e eu já era dona de casa. Tinha tanto tédio que comprei um macaco, só para ter com quem conversar. Mas daí você chegou”. Um silêncio abissal entre as duas. Elas, finalmente, chegam.

A mãe, através das marcas de sua própria história, antecipa o seu encontro com o bebê e decodifica os primeiros sinais dessa relação. Ela escreve os primeiros parágrafos da história da criança. Por isso, a relação que ela estabelece com o pai da criança, com a sua história infantil e as conseqüências do seu recalçamento e sublimação, bem como a relação com o próprio corpo, são os elementos que organizam o tipo e a qualidade do investimento libidinal que ela poderá fazer neste filho recém chegado. Aulagnier chama atenção, ainda, para a

importância de se diferenciar o desejo da mãe por um filho e o desejo de maternidade, que seria o desejo de repetir especularmente a relação com a própria mãe. O desejo de ter um filho indica, para a criança, que ela não é fruto de um acidente biológico e aponta na direção de um futuro. No segundo caso, a impossibilidade dessas mulheres para aceitar o novo, o recém nascido, anuncia a catástrofe desta experiência.

Outra particularidade diz respeito ao que a autora designou, em “Nascimento de um corpo, origem de uma história” (1986) como “traumatismo do encontro”. Aprendemos que o “Eu antecipado” vai apoiar-se na realidade do corpo do bebê, através do que a autora designou como “sombra falada”. Contudo, esse corpo deverá ser acolhido pela mãe como o referente, na cena da realidade, desse representante psíquico que o precedia e o esperava. Quando essa ancoragem fracassa, estamos diante do “traumatismo do encontro”. Ou seja, há algumas mulheres que, quando estão frente a frente com o seu filho, não conseguem estabelecer uma relação entre a representação psíquica do filho que esperavam e o filho real que está diante delas. “Esse recém-nascido que se impõe ao seu olhar situa-se, sem querer, ‘fora da história’, ou fora da sua história; ele rompe a continuidade arriscando pôr em perigo uma construção, cuja fragilidade permaneceria oculta para o historiador [no caso, a mãe]” (Aulagnier, 1986: 146). Isso é problemático na medida em que não há investimento objetal sem a representação psíquica deste objeto. Ou seja, não existe corpo psíquico sem essa história que é a sua sombra falada.

Lizzie inaugura sua vida universitária, freqüentando todas as festas e shows em companhia de sua *roommate*. O primeiro contato que ela tem com o ecstasy acontece em um show. Ela é abordada por um rapaz – Noah – que lhe oferece o comprimido, explicando-lhe que, diferente do ácido que vai direto para a cabeça, o ecstasy vai para o coração. Sem titubear, Lizzie aceita.

Eles voltam a se encontrar em outra ocasião, quando o rapaz lhe pergunta se ela vai dormir com ele aquela noite. Assim, Lizzie tem a sua primeira relação sexual. A colega de quarto fica pasma quando ela conta que ainda era virgem: “Pensei que deveria começar a transar como uma garota normal de 19 anos”. A amiga sugere uma festa para comemorar. No convite, as seguintes letras: “Festa de iniciação seminal. Lizzie.”

A festa acontece, e Noah fica chateado: “Como você pode tornar público algo particular”? Ela responde: “Para começar, não foi particular. Foi bom, interessante”. Ele retruca: “Interessante”? Ela diz: “Não foi algo sobre mim, não foi nada especial, foi só sexo”. O rapaz afasta-se, e ela vai flertar com outro garoto.

Este tipo de comportamento ilustra bem as idéias que circunscrevem o cenário atual retratado por Jean-Pierre Lebrun como “Um mundo sem limites”, habitado pelo “O homem sem gravidade”³⁴, de Charles Melman. Um “homem liberal” que abala a antiga economia psíquica, fundada no recalque, na neurose, apontando para uma cultura que promove a perversão como última defesa frente à psicose social. Melman afirma que o desaparecimento dos limites implica na queda do sujeito do inconsciente que se expressa através dos sonhos e atos falhos. Esta mutação deve-se ao fato de não mais haver ideologias, nem referências. Os indivíduos têm que se determinar por conta própria. “O século que se anuncia será o da suspensão dos limites: não há mais impossível! (Melman, 2003: 17). Apesar de saber que as idéias de Melman têm uma ressonância importante no campo psicanalítico, o meu esforço nessa tese foi o de oferecer outra leitura da situação, cujo objetivo não é destituir a anterior, mas relativizá-la, ou melhor, ampliá-la.

A cena seguinte mostra Lizzie ganhando o prêmio da Faculdade de Jornalismo pelo artigo sobre o cantor de rock Lou Reed. Ela é ovacionada, fotografada. Na mesma noite ela conversa com o editor da Revista Rolling Stone que lhe sugere que cubra as próximas bandas que se apresentarão.

Lizzie sai da cerimônia acompanhada de Ruby e, no caminho, avista o seu pai e a namorada. Ela foge dele e, quando chega ao quarto, encontra um bilhete. Fica atônita e lembra: “Quando eu tinha oito anos fomos ver ‘A última valsa’. Ele tomou tranqüilizante e desmaiou. Assisti ao filme três vezes até ele acordar. Que tipo de pessoa faz isso?” Ruby sugere que elas façam alguma coisa para distrair, mas Lizzie diz que prometeu entregar o próximo artigo para o editor na semana seguinte.

Ela escreve madrugada adentro e, às 4 da manhã, acorda a colega com o som ligado muito alto, alegando que a música ajuda na sua concentração. Em função do trabalho, entra em um ritmo tal que fica sem dormir durante dias

³⁴ Este livro é fruto de uma entrevista de Charles Melman concedida ao Jean-Pierre Lebrun.

seguidos. Sua aparência vai se modificando, como se ela estivesse vivendo um transe. Seus amigos ficam preocupados. Eles tentam lhe falar, mas ela reage afirmando que as noites de sono e os banhos que ela não toma há dias são menos importantes que o trabalho que está escrevendo. Noah, então, lhe informa que vai arrumar alguns sedativos. Ela não responde, e ele a leva até o hospital. Neste momento ela está visivelmente perturbada.

“Você tomou alguma droga nas últimas 24 horas?” Lizzie responde à médica: “Acho que cheirei cocaína e fumei um pouco de maconha, mas era só para fazer o efeito do ecstasy durar mais.”

“Já pensou que você pode ter um problema com abuso de substâncias?”

“A única coisa que vem à minha mente agora é que preciso de você para me dar uns tranqüilizantes... para diminuir o efeito da cocaína”.

“E depois, o que acontecerá”? Ela começa a lembrar a época em que fez terapia quando criança e responde: “Se for indicar terapia, não o faça. Sou a prova viva de que não funciona”.

“Então, o que está fazendo aqui”?

“Meus amigos me trouxeram”.

“Você não tomou parte nisso”?

Ela não responde e diz: “Vai me dar alguma coisa doutora”?

“Não. Hoje não”.

Lizzie vira as costas e vai embora. Sai do hospital pensando consigo mesma... “Estou desabando... Não consigo nem terminar meu artigo. Talvez Noah esteja certo, é tudo rabisco. Não tenho nada original para dizer. Escrever não poderá me salvar. Nem Harvard poderá me salvar. Como posso escapar dos demônios na minha cabeça?” Entendemos que a função da escrita na vida de Lizzie é ajudá-la a preservar um pensamento autônomo. Na medida em que ela se vê impossibilitada de escrever, o que ocorre é um estado de grande desorganização que a leva a um quadro de profunda depressão.

Lizzie muda-se para um quarto individual e vive recolhida em sua cama, sem conseguir fazer aquilo que a ajuda a estabilizá-la: escrever. Ela recebe a visita da mãe que demonstra a sua frustração por encontrar a filha nesse estado, sem conseguir compreender o que se passa. A conversa transporta Lizzie para outra cena de sua infância: uma conversa entre a mãe e o pai: “Eu a criei! Eu a criei sozinha sem a sua ajuda”! Ele retruca: “Sem a minha ajuda? Sou eu quem faz tudo

e nunca sou reconhecido. Você assume a posição de quem toma as decisões e se desmorona na sua cara.” Ela grita mais alto: “Do que você está falando? Você não faz nada por ela! Nem ao menos vem visitá-la. Não a leva para viajar, não a pega nos finais de semana. O que você faz por ela, Donald?” Ele berra: “Sou o pai dela, eu a coloco na clínica e o que você faz? Mora em Manhattan!” Ela se descontrola: “Filho da mãe! Maldito! Eu o odeio! Eu o odeio!” Diante de tamanho desencontro, a filha sugere que a mãe volte para casa e, para tranquilizá-la, promete passar o seu aniversário com ela.

Ela, então, aparece no consultório da médica/terapeuta que a atendeu na ocasião em que os amigos a levaram ao hospital. Apesar da resistência de Lizzie expressa de diferentes maneiras, elas conseguem construir uma relação na qual a jovem sente-se acolhida e pode começar a falar.

Chega o momento de visitar a mãe, e Lizzie encontra uma mesa repleta de guloseimas para recebê-la. Seus avôs tocam a campainha, e a jovem, ao invés de recebê-los, vai para o quarto acompanhada de uma garrafa de bebida alcoólica. Ela abre o caderno de telefone dos colegas da faculdade e depara-se com o número de um rapaz que a havia encontrado no banheiro masculino, na noite em que experimentou o ecstasy: “Preciso de alguém para desligar o meu cérebro e ligar o meu coração”. Nessa ligação, ela descreve a sua aparência para o rapaz, a fim de identificar-se, e faz referência a esta situação. O rapaz a reconhece como “a deusa do ecstasy”, e eles ficam conversando. Combinam de se encontrar quando Lizzie voltar à universidade. “Parece que Rafe não percebeu, mas ele acabou de ser escolhido para salvar a minha vida”.

Ela volta para a sala e vive, na presença dos avôs, mais uma vez, momentos de profundo desencontro com a mãe que se esforça para que os seus pais não percebam que Lizzie não está bem. No dia seguinte, a menina recebe um telefonema do pai, logo interrompido pela mãe. Tem início uma discussão que termina com a seguinte frase proferida por Lizzie: “Eu não sou o seu maldito macaco!” A violência desta frase, me parece, é compatível com aquela experimentada por Lizzie na relação com a mãe.

A atividade de pensar, enquanto uma atividade autônoma que, como vimos, inclui o “direito ao segredo” é de fundamental importância para o funcionamento psíquico do sujeito. Quando isso é violado, e a mãe abusa de seu poder, pretendendo que o pensamento da criança restrinja-se aos modelos por ela

estabelecidos, a construção delirante é favorecida. Nos casos em que o sujeito não tem possibilidade de lançar mão desta saída, a alternativa é a alienação própria às relações passionais, como parece ser o caso de Lizzie. Por outro lado, não podemos dizer que esse abuso do poder materno tenha sido suficiente para impedir a construção de um projeto identificatório. Conforme já foi dito, Aulagnier faz uma equivalência entre esta noção e o conceito de ideal do eu freudiano, para indicar que se trata de ressaltar a importância de o sujeito poder pensar a sua existência através de um curso temporal, ou seja, a possibilidade de projetar-se em direção ao futuro. Sem dúvida, na narrativa de Lizzie, essa função ficou comprometida. Contudo, arriscaria dizer que, ao fazer uso de sua habilidade – a escrita – para contar a sua própria história ela pôde construir ao menos um ensaio dessa projeção em relação ao futuro. Como mencionado no início dessa seção, este filme é baseado em uma história real, relatada no livro de mesmo nome.

Ela volta para a universidade e, após contar para a terapeuta o que vivera na casa da mãe, começa a falar sobre Rafe e a fantasia de que seria rejeitada por ele. A terapeuta questiona essa idéia e, na cena seguinte, assistimos ao encontro dos dois. Ao mesmo tempo em que Lizzie pensa que não pode mostrar o quanto é louca, conta-lhe a história do macaco, insinuando aquilo que desejou esconder. Porém, contrariando a sua expectativa, Rafe não recua. Eles vão para o quarto dela que se esforça para esperar que o rapaz tome uma atitude: “Será que ele não sabe? Ele tem que ser a minha salvação. Eu preciso que ele me beije agora”. Ela não consegue esperar e toma a frente, conseguindo o que precisa: uma relação sexual.

Depois dessa noite, eles continuam encontrando-se. Eles estão numa festa, dançando juntos, até que Rafe vai buscar uma bebida. Lizzie vê uma moça conversando com ele e vai embora. Quando chega à terapia relata: “Sempre que estou com ele vejo-me fazendo coisas horríveis. Eu me odeio por isso, mas não consigo parar.”

Lizzie encontra com Rafe para falar sobre o ocorrido, mas eles brigam novamente. Ele vai atrás dela e, mais uma vez, pede desculpas. “Você vai me deixar não?” Ele diz que não poderia, pois a ama. “Por quê?” Eles transam e, enquanto isso, Lizzie está pensando: “Agora entendo porque, às vezes, as pessoas

querem matar seus amantes. Comer seus amantes. Inalar as cinzas de seus amantes mortos. É a única forma de possuir outra pessoa”.

Quando Rafe diz que não vai poder acompanhá-la nas férias até a casa de sua mãe, porque a mãe dele o está solicitando, ela parece se desorganizar. “Preciso de você comigo”. Diante do impasse, ela procura uma solução: ir com ele. Ele diz que não é uma boa idéia. Ela tenta se conformar e chega à terapia feliz por ter conseguido respeitá-lo sem muito drama.

Vai conhecer a nova casa da mãe, mas quando chega lá, começa a ligar insistentemente para ele, e este não lhe atende. “O amor verdadeiro é tudo. É como vida ou morte. Você sabe que vai morrer quando estão separados porque a necessidade é muito pura. Tão completa”.

A descrição que Lizzie faz desse amor remete à definição de Aulagnier sobre as relações passionais. A autora concebe essas relações em oposição às relações amorosas. Estas últimas remetem ao campo do desejo. O objeto amoroso é um objeto privilegiado, capaz de proporcionar, na mesma medida, prazer e sofrimento. Nas relações passionais, o sujeito apaixonado transfere para o objeto de sua paixão todo o poder de prazer e sofrimento que circula na relação, destituindo-se da mesma possibilidade. Este é o terreno do tudo ou nada, onde os objetos têm a estranha característica de satisfazer, ao mesmo tempo, Eros e Tânatos.

Muitas passagens na história de Lizzie, como a sua relação com as drogas e o namoro com Rafe ilustram bem esse deslizamento do registro do desejo para o da necessidade. Como vimos, Aulagnier estabelece três possibilidades de relação passional: a do toxicômano com o objeto droga, a do jogador com o jogo e a paixão “dita” amorosa. Diria que a história de Lizzie dá a oportunidade de examinar essas relações. No primeiro momento do filme, a relação que ela estabelece com as drogas deixam-na alienada em relação a tudo o mais que se passa a sua volta, oferecendo o seu corpo como lugar privilegiado de sofrimento: falta de sono, de banho. Quando encontra Rafe, parece que ela substitui a relação com as drogas pela “paixão amorosa”, na qual, o objeto da paixão passa a ser o único capaz de lhe proporcionar prazer, o que lhe confere um caráter de absoluta exclusividade. A ausência desse objeto proporciona ao apaixonado a sensação de morte iminente.

Em função do tipo de relação que Lizzie estabeleceu com Rafe, ela não consegue aguardar o seu retorno. Então, pega um avião e vai para a cidade do namorado sem avisá-lo. Liga do aeroporto comunicando que está lá. Ele vai encontrá-la e diz que tem algo que ainda não lhe contou. Lizzie fica agressiva e começa a xingá-lo. “Não é o que você está pensando. É a minha irmã”. Lizzie vai até a casa dele conhecê-la. A moça tem uma deficiência grave, e Rafe cuida dela. Isso deixa a jovem incomodada a ponto de dizer uma série de absurdos para o rapaz, insinuando que ele gosta dessa situação. Ele termina com ela.

Lizzie chega ao hospital para falar com a terapeuta com muita raiva: “Foi você quem me disse para confiar em alguém. E veja o que aconteceu!” Diante da fragilidade da jovem, a terapeuta sugere que ela tome uma medicação, e isso a deixa revoltada. “Estou recomendando que experimente esta medicação para que adquira alguma perspectiva e não perca o controle”. Ela consente e fica internada. A partir daí ela funciona à base de medicação, e isso faz com que ela se sinta anestesiada, apesar de todos dizerem que sua aparência está melhor.

A última conversa que ela tem com a mãe merece ser destacada: “Quando Donald me deixou parecia inacreditável, eu não acreditava. Acho que eu me esqueci de você Lizzie. Você era apenas uma criança. Tão pequena. Mas você precisava de mim. E isso me forçou a prestar atenção de novo. Eu tinha de cuidar de você. E de alguma forma, você me trouxe de volta à vida. Você se tornou tudo para mim. Eu era tão focada em você. Eu queria tanto para você em sua vida. Não conseguia ver que não era boa para você”. Lizzie emocionada responde: “Você queria que eu fosse tudo para você e eu não posso ser. Não posso ser”. “Você não tem que ser nada para mim. Você não tem que estar bem para mim. Você não tem que fingir”. Ela ri e promete à mãe que vai ficar bem.

Conforme procurei mostrar, as cenas deste filme podem ser vistas à luz dos conceitos de Piera Aulagnier, por mim destacados. Não posso dizer que Lizzie é psicótica. Porém, a sua fragilidade psíquica informa que ela também não está no campo da neurose. A partir do que ela mostra sobre a sua relação com a mãe, e sobre as relações que vai construindo vida afora, considero que a análise das relações passionais – uma das saídas encontradas pelo sujeito para fazer frente à violência experimentada, em primeiro lugar, na relação com a mãe -, ajuda a chegar mais próximo do sofrimento desta moça.

A noção de pictograma, apresentada no terceiro capítulo dessa tese, pouco auxilia na reflexão sobre o sofrimento de Lizzie porque, como foi dito, ela não pode ser considerada psicótica. Em razão disso, deixei-a para o final dessas considerações. A noção foi valorizada nessa pesquisa na medida em que permite re-pensar o conceito de representação, incluindo a dimensão do afeto. Vimos que a representação pictográfica, fruto do processo originário, permanece como “fundo representativo” durante toda a vida do sujeito. Isso significa que os efeitos somáticos, que permitem uma interação entre o mundo externo e o organismo, não são um fenômeno transitório, eles só são interrompidos com a morte. Novamente, em “Nascimento de um corpo, origem de uma história” (1986), Aulagnier lembra que Freud falava de uma “fonte somática” do afeto. Em seu lugar, ela sugere a expressão “fonte somática da representação psíquica do mundo” enfatizando que tudo o que existe, para o processo originário, é fruto do seu poder de afetar a organização somática. As próprias produções psíquicas, segundo ela, fazem parte desse “tudo” (Aulagnier, 1986: 129). Muitos trabalhos dedicados ao estudo de crianças autistas e esquizofrênicas parecem confirmar sua concepção do originário.

Devo dizer que, apesar do meu esforço para destrinchar esta concepção que aponta para os primórdios da vida psíquica, ela permanece enigmática. Percebo que dela derivam uma série de conseqüências que não puderam ser exploradas no âmbito do presente trabalho. Por isso, deixo registrado o meu desejo de continuar esta pesquisa deste ponto, através de uma reflexão mais aprofundada acerca da dialética afeto/representação. Acredito que um dos autores indicados para me acompanhar nessa futura jornada é André Green. Ele levantou uma discussão importante sobre este tema que, até o momento, pude apenas identificar e citar de forma superficial. Pretendo, assim, voltar ao seu trabalho para fazer melhor uso de suas idéias.

Logo nas primeiras páginas do livro “A violência da interpretação”, Aulagnier afirma que “se o enigma da psicose não é parte integrante dos interesses do leitor é pouco provável que esta obra o interesse, ainda que a parte a ela dedicada tenha sido reduzida” (Aulagnier, 1975: 20). No caso desta leitora que aqui escreve, a autora enganou-se porque, apesar de o meu interesse não estar especificamente dirigido para a problemática psicótica, encontrei nessas páginas ferramentas preciosas que, a meu ver possibilitam uma ampliação da nossa escuta.

Sem dúvida, quando se está embebido por determinadas idéias, como é o caso de alguém que escreve uma tese, tende-se a ver o mundo a partir delas. Comigo não foi diferente. Por isso, é importante registrar que, mais do que defender as idéias de Piera Aulagnier, meu objetivo, com a apresentação deste filme, foi chamar atenção para o perigo que corremos, enquanto psicanalistas, quando permitimos que as nossas idéias/teorias funcionem como *a priori* entre nós e os nossos clientes. Capturada pelo título – “Geração Prozac” – e informada por toda a discussão que gira em torno do sujeito contemporâneo, estava preparada para assistir a um determinado filme. Acredito que só pude me surpreender porque, como tentei demonstrar ao longo da tese, meu esforço orientou-se no sentido de evitar que essas idéias se alojem entre mim e os meus clientes, uma vez que o apelo é muito grande. Quando abro a porta do meu consultório ainda espero encontrar um sujeito que sofre e não um “sujeito contemporâneo”. O meu objetivo não é negar todas as mudanças que vêm ocorrendo em velocidade desenfreada. A violência que permeia as relações atualmente está cada vez mais requintada. Contudo, depois desse percurso, passei a valorizar, além dessa violência, esta sobre a qual fala Aulagnier, até porque acredito que, aos psicanalistas, cabe dela se ocupar.

Por último, cabe um esclarecimento. Conforme o leitor pôde perceber, apesar de valorizar a permanente interlocução entre clínica e teoria, não apresentei um caso de minha clínica. Lancei mão de um caso publicado por Piera Aulagnier, que consta do capítulo cinco, com o único objetivo de ilustrar as formulações da autora. Por que esta aparente contradição? Além da minha reserva em tornar público um caso ainda em atendimento, sinto que a ampliação do meu arsenal teórico após a realização dessa pesquisa precisa de um tempo para ser elaborada. Parafraseando Aulagnier, diria que me encontro no “tempo para compreender”. A ambição do caso e do filme foi ilustrar a teoria apresentada.

No que diz respeito à participação de André Green, ele é contemporâneo à Aulagnier e, em função disso, eles tiveram a oportunidade de trocar idéias. Cada um deles privilegiou um caminho, entretanto, parece-me que as suas inquietações não são muitos díspares. Numa entrevista à Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Green fala sobre Aulagnier: “Posso dizer que ela estava em comunicação constante com o meu pensamento e mantínhamos intercâmbios. Sua teoria até

hoje é uma viva concepção. Seu livro ‘A violência da interpretação’ é certamente importante para abrir novos caminhos” (www.sppa.org.br/entrevista).

Enfim, sinto que compartilho com esses autores o esforço para melhor acolher aqueles que me procuram sem, por isso, apressar-me em tecer generalizações que, a meu ver, são reducionistas. A idéia é oferecer uma ferramenta a mais para ampliar a reflexão acerca do sofrimento humano. Nada mais do que isso!